

Newark, 4 de Dezembro de 2010

Muito obrigado. Antes de falar do que hoje aqui me trouxe, quero prestar uma sentida homenagem a um homem excepcional, a vários títulos e em múltiplas dimensões, que há dois dias nos deixou. Tive o inesquecível privilégio de trabalhar com o Prof. Dr. Ernâni Lopes no início da minha vida profissional, quando foi o Embaixador e, logo depois, o Ministro responsável pelas negociações de adesão de Portugal às então Comunidades Europeias. Devo-lhe imenso, na minha formação como pessoa, como cidadão português, como servidor do Estado. O meu percurso de carreira teria sido outro, e não estaria seguramente hoje aqui, caso não nos tivéssemos cruzado durante aqueles anos cruciais. Muitas outras pessoas ficaram marcadas pela sua personalidade, pelo seu saber e inteligência, pelo seu carácter, pela sua força, pelo seu inquebrantável sentido de Estado e pelo lúcido e tenaz empenho que sempre colocou na defesa do interesse nacional – mas mais do que todas elas é Portugal, em tantos domínios, que dele fica devedor.

Queria agradecer ao Presidente do Sport Club Português, Senhor Adelino Costa, o convite que me dirigiu para participar na celebração do 89º aniversário desta prestigiosa associação, uma das mais antigas formadas pela diáspora portuguesa nos EUA e no mundo, a quem desejo as maiores felicidades no futuro e os maiores sucessos nas múltiplas actividades que promove a bem das comunidades portuguesas de Newark. É também para mim um enorme prazer pessoal ter a oportunidade de regressar a esta casa, que tantas vezes visitei, num momento em que se aproxima o termo da minha missão em Washington. O simbolismo é forte pois de certo modo aqui comecei, e aqui concluirei, o muito rico ciclo de contactos que mantive com as comunidades portuguesas e luso-americanas ao longo dos últimos quatro anos.

É bom também regressar, num plano mais vasto, ao território consular de Newark, de que guardo gratas recordações, num arco temporal que vem desde a gala de 2007 da New Jersey Chamber of Commerce até ao dia de hoje, passando pela participação na famosa parada do Dez de Junho na Ferry Street, pela visita do Presidente da República, pela celebração de Dias Nacionais em Bethlehem e Filadélfia - cidade onde estive presente em mais dois acontecimentos relevantes – pela deslocação de trabalho que efectuei com o Embaixador John Bruton, durante a última Presidência portuguesa da União Europeia, pela visita que fiz a empresas como a Vieira Bakeries, pela assinatura do Protocolo de Cooperação entre a Whitehead School of Diplomacy da Universidade de Seton Hall e o Instituto Diplomático português, pelas minhas passagens por esta Universidade como pela Rutgers, pela visita do Ministro de Estado e das Finanças, pela inauguração das instalações da CGC Genetics, sabendo que não estou a ser exaustivo.

Neste momento de despedida, permitam-me que revise alguns temas que tenho abordado de modo recorrente e que sobre eles partilhe convosco algumas breves reflexões.

Em primeiro lugar, para sem qualquer hesitação desafiar as jovens gerações de luso-americanos a que dediquem uma pequena parte dos seus esforços a aprender a língua

portuguesa, não apenas como um gesto de respeito pela herança cultural dos seus pais e avós, como uma aposta num projecto de enriquecimento pessoal ou como um meio único de aceder à vastíssima e sempre crescente oferta cultural proporcionada pelo mundo lusófono, mas também para disporem de um instrumento que confere vantagens comparativas no mercado de trabalho e abre novas oportunidades profissionais e é, por isso, portador de valor acrescentado no plano da utilidade económica. Para além da dinamização da rede de ensino do Instituto Camões recentemente lançada, para além das escolas associativas e da oferta que hoje existe ao nível oficial secundário, para além dos centros de língua e cultura portuguesas apoiados por Fundações portuguesas como a FLAD e a Gulbenkian, há hoje nos EUA mais de duzentas Universidades que oferecem a possibilidade de aprender português a um público crescentemente interessado. E, desde logo e para não ir mais longe, até ao nono ano de escolaridade, este mesmo Clube. Parece em todo o caso um desperdício que, na altura em que a procura de português nos EUA aumenta, não estejam muitos luso-descendentes a aproveitar as facilidades que detêm a priori na aprendizagem da língua e, também, as oportunidades de contratação que surgem à medida que as relações dos EUA com o mundo lusófono se intensificam.

Em segundo lugar, para assinalar que, mesmo numa fase em que atravessa sérios desafios nas esferas económica e financeira, e não pretendendo de modo algum ignorar os complexos condicionalismos que desta realidade decorrem, Portugal registou recentemente dois sucessos de relevo na frente externa que são também importantes para o nosso relacionamento com os EUA :

- ao ser eleito para o Conselho de Segurança das Nações Unidas, depois de vencer uma forte concorrência, um feito de que nos podemos orgulhar, que projecta prestígio e influência internacionais, que representa um inequívoco sinal de confiança e reconhecimento pela comunidade internacional na nossa capacidade de construir pontes de ligação e consensos construtivos nas questões mundiais e que nos oferece meios de alargar as vias de contacto e de reforçar a cooperação com as autoridades americanas;

- ao organizar e acolher as três Cimeiras que tiveram lugar sucessivamente em Lisboa, para além da dimensão bilateral da visita do Presidente Obama e da Secretária de Estado Clinton, acontecimentos de primeira grandeza que foram bem sucedidos, segregando sinergias positivas no espaço transatlântico, que aumentaram a visibilidade de Portugal no palco mundial e que reforçaram a já valorizada “marca Lisboa” no mercado das relações internacionais.

Em terceiro lugar, para recordar importantes desenvolvimentos ocorridos nos últimos quatro anos nos domínios económico e científico, como foram a inserção dos EUA na rota de internacionalização da economia portuguesa, com a presença de importantes empresas portuguesas a investir fortemente em território americano; e a criação de Programas específicos de cooperação científica e tecnológica com Universidades como o MIT, Harvard, Carnegie Mellon e Austin, no Texas; têm estes desenvolvimentos dimensão e escala para potenciar significativas alterações no padrão do relacionamento bilateral luso-americano, que deveríamos potenciar em nosso favor aos mais diversos níveis.

Em quarto lugar, para sublinhar que ser Embaixador em Washington durante quatro anos implica lidar com agendas densas e alargadas, com contactos intensos e com a garantia de levar para casa um vasto legado de experiências diversificadas e enriquecedoras, mas que esse facto não me impede de constatar como os numerosos encontros que mantive com as comunidades portuguesas e luso-americanas foram extremamente gratificantes e sem dúvida ficarão, uma vez tudo colocado na devida ordem e proporção, no topo das melhores memórias que me acompanharão quando deixar de vez os EUA.

Em quinto lugar, para registar que entre essas boas memórias incluo, naturalmente, o Primeiro Encontro de Legisladores e Presidentes da Câmara Americanos de Origem Portuguesa que a Embaixada organizou em Washington há um ano, em que alguns dos presentes participaram. É essa uma iniciativa para ser continuada, embora este ano, com a realização das eleições intercalares, se tenha revelado difícil organizá-la de modo adequado. Em todo o caso, creio pessoalmente que conviria não ceder-se à tentação de a transformar num acontecimento anual obrigatório, para se evitar o sacrifício da substância em nome do cumprimento de calendários – e ficou clara, desde o início do Encontro do ano passado, que a nossa intenção ao lançar esta iniciativa não era meramente social nem celebrativa. Penso também, qualquer que venha a ser o formato para que evolua, que há uma clara vantagem em manter as fortes componentes académica e económica, envolvendo directamente empresários luso-americanos e as diversas empresas portuguesas que investem neste país, que conferimos à sua primeira edição. Dependendo de desenvolvimentos até certo ponto ainda imprevisíveis, faz sentido ponderar a comodidade e conveniência de se organizar o segundo Encontro em paralelo com a comemoração do 20º aniversário da PALCUS, que terá lugar em Outubro do próximo ano em Washington.

Falando de participação política, aproveito o ensejo para felicitar todos os luso-americanos activamente empenhados na vida política dos EUA que estiveram recentemente envolvidos nas eleições intercalares de Novembro.

Em sexto lugar, para vos dizer que de New Jersey à Florida, de Massachusetts à Pensilvânia, de Rhode Island a Nova Iorque, de Connecticut à Virgínia e finalmente na Califórnia, onde este ano celebrámos o Dez de Junho em S. Diego, a bordo da Sagres, em todos estes Estados que visitei, só ouvi palavras de louvor e respeito pelas Comunidades portuguesas e luso-americanas, pelo seu trabalho, pelo apego aos seus valores, pela sua inserção nas sociedades locais, assim como pela sua tão visível contribuição para a vida económica e a estrutura social desses Estados.

Em sétimo lugar, para vincar que há uma evidente vantagem – e mesmo urgência, ousaria acrescentar – em que as Comunidades se organizem e se façam reconhecer, de modo crescente, ao nível nacional. Isto é especialmente importante num país como os EUA, onde integração não significa diluição num molde único; onde a diversidade étnica, uma forte e generalizada característica da própria construção deste vasto país, não só é aceite, mas reconhecida e até encorajada; onde os sentimentos de “dupla pertença” são comuns; onde é considerado normal e esperado que essas comunidades actuem como advogados e

actores relevantes, ao nível da sociedade civil, nas relações entre os EUA e os seus países de origem; onde várias nacionalidades se juntam em torno das suas identidades originárias e defendem os seus interesses específicos; onde a actividade de “lobbying” constitui uma permanente e corrente característica do funcionamento e formatação do espaço público.

Por tudo isto vos digo, e será esta a oitava e última reflexão que trouxe comigo esta noite, que não só vale a pena, mas que é essencial, acarinhar, apoiar e ajudar a desenvolver associações como este Sport Club Português, como as Câmaras de Comércio, como as muito diversas organizações de beneficência, apoio social, fomento cultural e formação linguística que existem no seio das comunidades, e naturalmente uma organização, como a PALCUS, que aqui vejo mais uma vez representada pelo seu Presidente, Fernando Rosa, que se insere na indispensável escala federal a que antes aludi.

Uma última palavra para vos desejar as maiores felicidades e prosperidades. Foi um prazer e um privilégio ter estado esta noite, como ao longo de todos estes anos, convosco. Muito obrigado pela vossa hospitalidade, atenção, paciência e amizade.